

2010

Book Review: O significado da ilha de Barbados para o Império Britânico no Século XVII

Matt D. Childs

University of South Carolina - Columbia, childsmd@mailbox.sc.edu

Follow this and additional works at: https://scholarcommons.sc.edu/hist_facpub



Part of the [History Commons](#)

Publication Info

Published in *Afro-Ásia*, ed. Florentina da Silva Souza, Jocélio Teles dos Santos, Volume 41, 2010, pages 275-277.

Childs, M. D. (2010). O significado da ilha de Barbados para o Império Britânico no Século XVII. [Review of the book *Sweet Negotiations: Sugar, Slavery and Plantation Agriculture in Early Barbados*, by R. R. Menard]. *Afro-Ásia*, 41, 275-277.

© Afro-Ásia, 2010, Center for Afro-Oriental Studies at Federal University of Bahia

This Book Review is brought to you by the History, Department of at Scholar Commons. It has been accepted for inclusion in Faculty Publications by an authorized administrator of Scholar Commons. For more information, please contact digres@mailbox.sc.edu.

O SIGNIFICADO DA ILHA DE BARBADOS PARA O IMPÉRIO BRITÂNICO NO SÉCULO XVII

MENARD, Russell R. *Sweet Negotiations: Sugar, Slavery and Plantation Agriculture in Early Barbados*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2006, pp. xix + 181 p.

A pequena ilha de Barbados, de meros 430 quilômetros quadrados, teve um importante papel na economia atlântica britânica do século XVII, que em muito superava seu tamanho. Barbados estabeleceu na região o modelo da agricultura de *plantation*, baseada na escravidão racial, que influenciou os esquemas coloniais britânicos por quase dois séculos. O pequeno livro de Russell Menard, de 126 páginas de texto e 22 páginas de notas, também tem uma ambição de influenciar a academia maior do que seu tamanho. Ele espera derrubar a tese da “revolução do açúcar” de Barbados, que ele argumenta “ter dominado a historiografia da ilha por três séculos e meio.” (p. 2) Só o tempo poderá dizer se o impacto do livro na historiografia da fase inicial da colonização norte-americana será igual ao impacto da ilha na formação da política colonial britânica no Novo Mundo. O que pode com certeza ser dito, contudo, é que o livro de Menard muito certamente levará os historia-

dores norte-americanos a reconsiderar que a escravidão caribenha diga respeito apenas à lavoura do açúcar. Os ciclos econômicos e a diversidade da agricultura de *plantation*, que caracterizaram a história caribenha, precisavam receber a devida atenção, e esta obra é uma contribuição bem vinda a uma crescente bibliografia escrita nesse sentido.¹

Menard reconhece que sua maior “tarefa foi a de levantar questões, mais do que respondê-las”, sobre o conceito de uma revolução do açúcar. (p. xiii) Ao desafiar a historiografia atual, ele usa o discernimento que adquiriu por ser um dos principais historiadores econômicos da escola de Chesapeake, a famosa e fértil baía do leste dos Estados Unidos, berço da sociedade de *plantation* na América inglesa continental. Aqueles fa-

¹ Ver também Verene A. Shepherd (org.), *Slavery Without Sugar: Diversity in Caribbean Economy and Society Since the 17th Century* (Gainesville: University of Florida Press, 2002).

miliarizados com os estudos anteriores de Menard não ficarão surpresos com que ele pense que Barbados tinha uma economia e uma sociedade muito mais dinâmicas do que aquelas focadas exclusivamente no açúcar. Michael Craton fez afirmações semelhantes há mais de vinte anos na revista *Slavery & Abolition*, concluindo que a revolução do açúcar de Barbados “não foi de fato revolução alguma”.² O trabalho anterior de historiadores caribenhos, em tópicos similares relacionados a uma diversidade e um dinamismo para além da economia do açúcar, enfraquecerá parte do que Menard enfatiza como novo e novidade em sua visão, mas não o fato de que os pesquisadores necessitarão futuramente reconciliar seus achados com suas conclusões revisionistas.

A maior contribuição de Menard para a historiografia de Barbados é mostrar que, antes do açúcar ser firmemente ali implantado, a ilha já era uma colônia de *plantation* e uma sociedade escravista como resultado da produção de tabaco, índigo e algodão. O autor afirma que o sucesso desses produtos, e não o seu fracasso como anteriormente argumentado, permitiu aos agricultores gerar renda e comprar terras para financiar a pro-

dução de açúcar. Conseqüentemente, o açúcar não foi uma “revolução” que redefiniu o modelo de *plantation*. Menard prefere o termo “surto (*boom*) do açúcar”, já que a expansão na produção serviu para intensificar a confiança no trabalho escravo. Em resumo, ele conclui que a história de Barbados, enquanto colônia de *plantation* constituída pela escravidão africana, veio *antes* do açúcar e não *por causa* do açúcar.

Além de substituir a tese da “revolução do açúcar” pela tese do “surto do açúcar”, ele também faz várias outras descobertas dignas de nota relacionadas aos padrões do trabalho, financiamento e da propriedade da terra. Por exemplo, mostra que o financiamento para o “surto do açúcar” não veio exclusivamente dos holandeses, como previamente sugerido. Ao invés disso, Menard mostra que parte do financiamento veio de mercadores ingleses e, com a mesma importância, do capital local.

Espera-se que outros estudiosos criem novo conhecimento a partir dos achados de Menard e respondam algumas de suas provocativas questões com pesquisas mais extensas. Infelizmente, a maior parte do livro e alguns capítulos em sua totalidade são baseados em fontes secundárias devido a dramáticos problemas de saúde que ele detalha no texto e nas notas.

O pequeno livro de Menard é uma contribuição bem vinda à histó-

² Michael Craton, “The Historical Roots of the Plantation Model”, *Slavery & Abolition*, v. 5, n. 3 (1984), p. 215.

ria caribenha e mesmo à atlântica. Ele fez um trabalho admirável de mostrar a relevância da história do Caribe britânico no século XVII para os primórdios da história da América britânica continental. Como ele reconhece, suas perguntas e metodologia foram o produto de “uma pessoa de

Chesapeake indo para as ilhas.” (p. 6) A historiografia dos primórdios da América do Norte agora é mais rica por causa de seu ousado projeto, e os historiadores caribenhos, como eu mesmo, estão sempre ávidos para receber e aprender com turistas que viajam até suas ilhas.

Matt D. Childs

Universidade da Carolina do Sul

Tradução de Ana Carolina de Andrade Pinto